A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II — NUMERO 66 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

"Eu apertei, mas foi devagarinho!!"...

O DOMINGO ilustrado

ANO II — LISBOA 18 DE ABRIL DE 1926 — N.º 66

PROPRIEDADE DA EMPRESA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Notas pitorescas dum caso triste

A morte da actriz de revista Maria Alves veio trazer á supuração, nesta semana de Rocambole que Lisboa viveu, notas dum tragico pitoresco, dum ridiculo sublime, dum comico invencivel...

Os senhores repararam naquele gesto dos «palhinhas»? Somos muito amigos da simpatica Cooperativa que é uma verdadeira benemerita da cidade, e que tem já a amisade da população, mas os «palhinhas» com sentimento, os «palhinhas» tristes, de monco caído, de bandeirinha para baixo, de luto, como viuvas, a ficarem na garage em sinal de sentimento!! Concordem que só em Lisboa, só aqui, o Citroën podia ter essa expressão sentimental! E os directores a mostrarem a «contabilidade» para se achar o crimminoso.. A contabilidade!?

E aquelas entrevistas? O Gomes a dizer «que tinha apertado, mas um bocadinho só... sem força»...

«—E então, batia-lhe?

—«Sim... ás vezes, confesso, agredia-a, mas, sempre sem violencia...»

E aquele pugilato em italico de «O Seculo» e do «Noticias»? Sempre a abrirem os relatos com uma saraivada de sôcos?! Ein? Que tal?

E repararam naquela:

O «Noticias» anunciou que a «asfixia não tinha sido completa...» e vai daí o «Seculo» entrou de apepinar o caso. O peor é que disse que era uma fantastica «patologia» (?) quando, com o devido respeito, devia talvez ser «fisiologia» o que quereria dizer...

E aquele advogado-taxi, tipo «deixa correr o marfim» a esconder-se no «medo-profissional»?!

Ah! meus amigos! Que grande espectaculo este da morte da actriz! Que grande revista! Que formidavel «compère» o Augusto Gomes!

A Carris de Ferro

A brutalidade do pessoal da Carris, o desrez o completo pelo publico, a verdadeira troça que constitue a sarabanda dos Electricos na Estrela, tudo está a pedir chuva, e da grossa. A' nossa redação chegam protestos varios. Escrevemos, mas de nada serve.

Infelizmente a Camara não quere bulir em Santo Amaro—tem medo! E é caso para isso—porque os generais dos electricos «mandam peso»...

A festa dos Jardins

O sr. dr. Alfredo Guisado teve a amabilidade de nos convidar a dar a nossa opinião sobre as grandes festas que a camara projecta, sob aquele titulo.

Pondo-se inteiramente á disposição do ilustre vereador, e das entidades camararias, para esse efeito, «O Domingo» secundará tão brilhante e simpatica iniciativa, cujo alcance é de todo o ponto louvavel.

NADA SE PODE PERDER...

—O papá pregunta se o sr. tem telefone.
—Tenho, porquê?
—Para pedir mais caro pela casa visto que ha telefone no pé.

Má língua

DIVAGAÇÕES

A tarde pronunciava-se. Á janella
que deita para a estrada do moinho
a luz do sol, cançada e amarella
já chegava poeirenta, do caminho...

Um quieto assocegar tomava a aldeia
como a aza dum destino embalador.
Fui deixando singrar a minha ideia;
fugiu de mim... Poz-se a pensar no Amor...

Pensar. Foi só pensar.*—Se as confidencias*
adivinhadas já, fazem sorrir,
recolham o sorriso «vocelencias»
que pensar é... pensar, não é sentir.

Cá na terra, a fogueira da paixão
raramente tem muito que contar;
é fogo cuja incerta combustão
não aquece o mais infimo jantar...

Não é porque estas almas sem maldade
possam ser accusadas de insensiveis;
—é que só os venenos da Cidade
tornam almas e corpos combustiveis.

Aqui tudo respira o simples geito
de quem vive vivendo por viver,
de nada ou muito pouco satisfeito
se muito pouco ou nada tem de ter.

A Garrett é alli no chafariz
que tem ao alto um anjo semi-nu;
a «venda» do Cardoso é o chamariz
que substitue o vosso «Rendez-Vous»;

nesta, o «chá de parreira» predomina
—deus que tanto enthusiasma quem o adora;—
naquelle, a bica de agua crystallina
fornece um «five-ó-clock»—a toda a hora.

Se houver D. Juan sequioso de delicias
furtadas ao registo parochial,
não rebusca no Diario de Noticias
a pouca permanencia... de um giestal!

Tudo é simples, ingenuo, tudo corre
ao sabor de translucido desejo.
A vida a subterfugios não recorre.
Pão, pão, e queijo, queijo.—Quando ha queijo...

O amor chega na altura em que é preciso,
num rythmo perennal de sementeira;
não tem esse fluctuar tão impreciso
que... ahi, chega a durar a vida inteira.

Isto é rude? Talvez... que crime encerra
esta altiva palavra?! Ou que labéu?!
—não ha poesia em quanto vem da Terra?
—não tem grandeza quanto sobe ao céu?

Se ahi correm os fados de outra forma
e ha muitos mais incendios «amoreiros»
é porque a edilidade tem por norma
multiplicar os postos de bombeiros...

Cada vez mais a vida se complica
e com a vida o encanto de viver.
Tal civilisação, podre de rica,
não chegará de vez a apodrecer?!

O amor, que é pae e mãe, avô e avó
destas divagações desalinhadas,
'stá decadente que até mette dó
como, aliás, illusões muito falladas.

Sim. Ninguem sabe amar. Caso sinistro
que provoca as mais negras apprehensões!...
. . . .
Perdão. Vejo na imprensa que um ministro
foi a S. Bento e fez... «declarações».

Parada de Gonta 1926 — TAÇO

questão prévia

QUE remedio senão tratar ainda do fim tragico da actriz Maria Alves! E' o caso do dia, o alimento com que se repasta e se nutre a curiosidade insaciavel do alfacinha.

O caso é que á anciedade sucedeu o pasmo, o espanto, a surpreza, mesmo naqueles que tinham, não a convicção, mas o palpite de que o emprezario Gomes era o assassino.

Havia quem, fazendo-lhe a justiça—a horrenda justiça—de o acreditar como capaz de matar, lhe negava, todavia, a inteligencia precisa para arquitectar e pôr em obra a engrenagem complicada de pormenores destinados a despistar a policia. O frio cinismo do criminoso, acompanhando o funeral, velando o cadaver na morgue, afirmando, entre lagrimas autenticas e indignados sôcos nas mesas, o seu desejo de vêr punidos os criminosos, esse frio e calculado cinismo ajudava a consolidar a opinião de que Gomes não fôra o matador.

Outras pessoas, porem, sem provas então concludentes, só por méro palpite, afirmavam convictas a culpabilidade do amigo intimo da assassinada.

Foram estas as que acertaram, as que só atenderam ao sentimento que o tragico acontecimento feriu e fez vibrar.

O raciocinio das primeiras, pesando maduramente as falhas de inteligencia do criminoso e comparando-as ás minucias com que o crime fôra perpetrado, falhou por completo, porque não tomou como elemento apreciavel a ausencia completa da sensibilidade fisica e moral do homem que matou a frio e premeditadamente.

* *

E é esta insensibilidade que a todos nos amarfanha, a todos por igual, tanto aos que viram em Gomes o criminoso, como aos que do crime o supuzeram incapaz por falta da inteligencia necessaria aos minimos requisitos que o revestiram.

E' que nós somos, com todos os nossos defeitos, duma hiper-sensibilidade que a mais ligeira anormalidade põe logo em vibração. Não compreendemos, portanto, nem admitimos que entre nós haja nascido e se tenha formado um caracter de frio calculador perante a morte. Compreendemos que alguem mate no momento em que se não pertence nem domina, mas não podemos perceber que se disponham, com horas de antecedencia, as coisas para dar a morte ao nosso semelhante.

Se o criminoso, após uma discussão violenta, tivesse morto a pobre rapariga, já nem do caso se falaria. Mas esses treze dias de dissimulação cinica, esse largo praso vivido a dentro da consciencia com a certeza de ter assassinado, exteriorisada em sorrisos tranquilos e em suspiros de fingida saudade, é que condenam Augusto Gomes á morte—por toda a vida.

E querem que lhes diga? Ainda bem que somos assim, porque se explicamos que o homem seja fera em momentos de alucinação, não admitimos que a fera se disfarce de homem e venha, entre nós, sorrir e chorar, como se tivesse uma alma.

Feliciano Santos

ECOS

A mania da toponimia

Uma das preocupações mais pueris de quem é elevado para os cargos municipais, sem ter dentro do toutiço mais nada que ranço, é a mania de mudar os nomes ás ruas.

Agora surgiram as Juntas de Freguezia a quererem um largo com o seu nome! Isto, quando um sem numero de problemas interessantes e complexos, de utilidade para o povo, ficam no tinteiro—é da gente, francamente, os mandar a um certo sitio... com nome.

Depoimento curioso

O «Domingo ilustrado» teve a honra de ser transcrito, na primeira pagina, pelo «Diario de Noticias». E' uma victoria jornalistica que registamos, pois, apesar de sairmos só ao domingo, ainda conseguimos dizer alguma coisa de tão interessante que dois diarios importantes, o «Noticias» e o «Correio da Manhã» nos transcreveram na integra, e o «Diario da Tarde» aproveitou as nossas gravuras. Aos nossos colegas os nossos agradecimentos.

Mata-borrão

Recebemos da Sociedade do Reclamo á Americana algumas dezenas de folhas de mata-borrão-reclame que muito agradecemos.

Esta Sociedade propõe-se reunir casas comerciais que deêm bonus comuns, e cujo valor, muitas vezes pode atingir 1.000 escudos.

Amelia Rey-Colaço

Realisa-se amanhã no Politeama uma grande festa de arte dedicada á primeira actriz deste teatro, Amelia Rey-Colaço.

Trata-se dum espectaculo cujo valor está no proprio programa, que não precisa de adjectivos: 1.ª representação de «A hora imaculada» de Dario Nicodemi, tradução de Augusto Gil, «mise-en-scène» do pintor Leitão de Barros. 1.ª representação de «A Salomé» de Oscar Wilde, tradução de João do Rio, «mise-en-scène» do arquitecto Raul Lino.

«Os meus Domingos»

André Brun, nosso querido colaborador e eminente escriptor, cujo espirito tem a mocidade mais viva desta triste cidade, acaba de publicar a 3.ª serie dos «Meus Domingos». Mais um exito de livraria. Mais uma edição esgotada em poucos dias.

NÃO ERA BEM ISSO...

—Camarada, já ouvi dizer que você é um bom garfo!...
—Tá enganado—eu só como com as mãos...

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

crónica alegre

Ó DA GUARDA

HA dias vi passar em S.ta Marta duas «camionêtas» carregadas de agentes de policia. Cuidei que se tratava duma expedição bélica, indo essa falange de mantenedores da ordem, acudir com urgencia, a qualquer ponto onde a tranquilidade publica estivesse sendo ameaçada. Um senhor bem informado explicou a alguem, perto de mim, tratar-se dos melodiósos componentes da banda policial que regressavam dum ensaio. E o senhor bem informado comentava, irritado como cumpre a todo o bom alfacinha que se présa:

—Enquanto estes camaradinhas se entretêm a tocar pifano e trombóne, assassina-se aí por todos os cantos.

Sempre que em Lisboa se comête uma malfeitoria de vulto surgem estes brados de indignação e a afirmação geral de que a nossa policia é inexistente, incapaz, imprópria, que sei eu?...

Ora, se espreitarmos de bôa fé por cima dos Pirineus, constataremos que nas cidades mais policiadas do mundo se sucedem os crimes misteriosos, os golpes de mão audaciosos, etc. Lá fóra, tem-se assaltado joalherias, bancos; estações de correio, em pleno dia. Constantemente nos bairros mais populosos aparecem cadaveres que levam consigo o segrêdo da sua morte.

Em Portugal, guiâmo-nos todos pelo critério daquêle nosso amigo que queria as bombas ao pé dos fogos. Entendemos que cada facinora devia ter no encalço um arguto e valoroso agente que lhe deitasse a mão cinco minutos antes da prática do crime.

E' inegavel que a nossa policia—como, de resto, todas as cousas de Portugal—precisa de ser melhorada. Haveria vantagem em aumentar o seu efectivo, em provê-la de transportes rápidos, em faser dentro déla uma selecção fisica, em desenvolver—e crear talvez—a mentalidade própria da classe, fortalecendo-lhe o espirito de abnegação e sacrificio, etc. Mas, antes de mais nada, cuido que, para contrabalançar estas exigencias, haveria que retribuir-lhe melhor, em dinheiro e em consideração. Os serviços que esperamos déla tem de ser remunerados com justiça e, acima de tudo, devemos respeitála. Um policia a quem pagam mal e não ligam importancia tem até certo ponto rasões para não se consumir, diaria e nocturnamente, num fogo sagrado que o léve a heroismos.

Depois nunca devemos contar absolutamente, nem com a policia, nem com a Divina Providencia. Recordam-se do «Comissario de Policia» de Gervásio Lobato? Aparece no comissariado um senhor Rolinho, que móra na Charca e a quem furtaram o relógio. Entre várias cousas sensatas que o comissário Pygmaleão Serêno lhe diz ha esta verdade profunda:—«E quem lhe manda ao snr, tendo relógio, morar na Charca?». Ha pessoas que, residíndo nas varias charcas de Lisboa, passeiam altas horas da noite desacompanhadas, desarmadas e munidas de todos os objetos de preço que podem tentar os gatunos, os quaes não vivem doutra cousa. E, sempre que algum nos surje pela frente, devemos partir do principio que êle soube escolher o momento em que nos quinhentos metros mais proximos não anda quem possa tolher-lhe o livre exercicio da sua reconhecida industria.

Evidentemente, o ideal seria que todas as ruas, travessas e bitesgas de Lisboa fossam providas, de dez em dez metros, dum fóco electrico e dum policia acordado com uma metralhadôra debaixo do braço. Emquanto esse ideal se não realisa, não atribuâmos a culpa de tudo quanto sucéde á pobre policia. Tenhamos tambem em conta, até certo ponto, a nossa imprevidencia. E não nos indignêmos demasiadamente quando virmos passar uma *camionêta* carregada de *bibelots* de Sax... ófone.

PONTOS DE VISTA

—Nós os homens, pomos o dever acima de tudo.
—Cá nós, as mulheres, é o chapeu.

A RIQUÊSA AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS

Se não somos, não direi ricos, pelo mênos fartamente remediados, é porque não queremos. Não lêm os jornaes de grande circulação? Se os lêm e passam necessidades, é porque muito bem querem. Numa gazeta de hoje e na mesma pagina depáro com os seguintes anuncios de que suprimo as cabeças:

1.º—*Unica casa legalmente constituida e devidamente registada.*
Todas as garantias.

PREMIOS

20 contos por 12$50
1 conto por 10$00
250 escudos por 5$00

2.º—*Abre hoje a inscrição para os seguintes premios:*

Escudos 2.000$0$
Escudos 5.000$00
Escudos 10.000$00

Pela insigntficante quantia de 12$00, 15$00, 20$00 escudos, qualquer pessoa pode receber em poucos dias as importancias acima.

3.º—*Quere ganhar 225 escudos?*

Com um empate de Esc. 5$00? ou 650$00 dispendendo apenas 25$00?

4.º—*Quere 500$00 ou 2.000$00 Escudos.*

Com um empate de Esc. 4$00 ou 8$00?

Tenho a certêsa de que se trata de combinações perfeitamente licitas e legaes. Doutro modo, os jornaes sérios não se prestariam a inserir a publicidade délas. Sendo assim, pergunto aos meus botões, que encolhem os ômbros sem atinar com a resposta, por que tôlo espirito de rotina persistimos nós em trabalhar, este no seu gabinête, aquêle no seu escritório, aquêloutro na sua oficina, em vez de acudirmos ao chamado dessas sereias, que, instaladas em terceiros andares da Baixa, nos oferecem, umas, quinhentos escudos em troca de cinco, outras um conto de reis por vinte e cinco tostões.

Francamente, é preciso que sejamos estupidamente desconfiados para ver não haja, á porta das agencias editoras de senhas e contrasenhas, uma bicha maior que o dôbro da população.

UMA HISTORIA INGLÊSA

Não resisto á tentação de lhes contar esta, que li agora mesmo. Uma senhora inglêsa, querendo vender a mobilia em leilão, mandou vir um avaliador para estabelecer inventario do recheio da sua residencia. Tendo deixado o homensinho só durante um certo tempo, qual não foi a surprêsa da dama vindo encontrá-lo a dormir sobre o tapête da casa de jantar e ressonando como um pião. Em cima da mêsa o inventário começado nestes termos:

—«Garrafas de *whisky* em cima do aparador: duas. Bibliotéca giratória: uma. Bibliotéca giratória: uma. Bibliotéca giratória: uma...

OS RELOGIOS COMPLICADOS

Num armazem de moveis antigos um apreciador está muito tentado com um relogio de parêde.

—E anda bem? pergunta êle ao dôno da casa.

—Ora essa! E' uma pendula! Quando marca sete horas e bate cinco, são infalivelmente duas e meia.

ANDRÉ BRUN

PENSAMENTOS E PARADOXOS de Oscar Wilde—tradução e notas de Almeida Paiva.

Na multidão dos admiradores de Oscar Wilde, o dr. Almeida Paiva é, certamente, um dos que mais inteligentemente exteriorizam a sua admiração.

Vertendo para português algumas das melhores obras do genial irlandês, tornou-se credor de verdadeira gratidão por parte dos que não sabem ler as páginas originais.

Como Wilde é dos escritores que podem ser traduzidos impunemente—porque é sempre um pensador e só por acaso um estilista—, a benemérita actividade do dr. Almeida Paiva só merece calorosos aplausos.

O volume «Pensamentos e Paradoxos» é, contudo, mais algumaco usa do que uma simples tradução: além dum perfil impressionista do autor de «Dorian Grey», posto em paralelo com os de Lórd Byron e de Bernard Schaw e traçado pelo dr. Egas Monís, é ainda enriquecido por copiosas notas biograficas redigidas com notável preocupação de imparcialidade e justiça.

Tereza LEITÃO DE BARROS

UMA BOA NOTICIA

—O seu cão acaba de me roubar uma costoleta...
—Obrigado pelo aviso, porque escuso de lhe dar ho de comer...

Curiosidades

HINOS NACIONAIS

Os hinos nacionais parecem estar, ao tamanho, quanto em razão inversa da extensão dos respetivos países. Assim o «God save the King» tem apenas catorze compassos: o «Boje Tsara Krani», o ex-hino nacional russo, tinha desasseis, «The Hail Columbia», o hino americano vinte e oito. O hino de Sião tem setenta e seis compassos; o do Uraguay, setenta; o do Chili, quarenta e seis. O hino mais longo é o da minuscúla República de São Marino. No entanto—cá vem a excepção que confirma a regra!—o hino nacional da China é tão comprido que são precisas doze horas para ser todo executado. E' mais uma chinezice!

A VOLTA AO MUNDO

Um soldado andando noite e dia, gastaria catorze meses para dar a volta á Terra, seguindo sempre em passo de marcha, isto é, dando cem passos de 65 centimetros, por minuto. Um comboio levaria entre tinta a quarenta dias; o som gastaria apenas trinta e duas horas; uma bala, vinte e uma horas; a luz, um décimo de segundo.

COSTUME ROMANO

Em todos os banquetes romanos, o primeiro prato eram ovos e o último fruto, que punha fim á sobremesa, eram maçãs, muito apreciadas pelos contemporaneos de Horacio e de Luculo. Foi nêste costume que têve origem o proverbio romano—«Ab ovo usque ad mala», o qual á letra significa «desde o ovo até ás maçãs» e, entre nós, corresponde á expressão «ir de fio a pavio».

O APERTO DE MÃO

O aperto de mão, como cumprimento, remonta ao tempo da cavalaria e significava a fidelidade e o apoio recíprocos que dois cavaleiros prometiam um ao outro. Diante do altar, depois de tocarem nos punhos das espadas, costumavam os cavaleiros apertar as mãos uns aos outros. Os vilões não tinham o direito de cumprimentar apertando a mão.

O SÔNO DAS PLANTAS

Tôda a gente sabe que ha plantas que á noite dobram as suas folhas, assim como ha flores que fecham á tardinha. Mas nem todos saberão que nos países frigidos, em que o dia dura seis meses e a noite outro tanto tempo, as plantas—as raras que aí vigoram e florescem—, igualmente caem, a certa hora, no seu letargo repousante. Que misterioso instinto as adverte de que é a hora em que, noutros climas, as súas irmãs veem cair a noite ou romper a aurora? Os viajantes por vezes, nessas paisagem frigidas, calculam o espaço de tempo decorrido pelo acordar ou adormecer das plantas.

"Já que tanto se fala em tabaco..."

O *contracto dos tabacos, o sistema de «régie» ou de monopólios,* são palavras que saltam á vista, agora, em todos os jornais. Vem a talhe de fouce, portanto, lembrar alguns trechos da vida acidentada que teve essa bem fadada planta, que dois colonos espanhoes da America—de cujos nomes não resa a historia—encontraram, por acaso, num feliz dia do ano de 1520, na provincia de Yucatan. A planta era linda e esbelta e as suas folhas, depois de sêcas e esmagadas entre os dedos, exalavam um cheiro muito agradavel; mastigadas, deixavam na bôca um sabôr extranho, apetitoso. Explorando estas raras qualidades naturais da planta, em breve a industria estudou a maneira de reduzir a pó as folhas do arbusto a que os seus descobridores deram o nome de «tabaco», por o terem encontrado próximo da povoação de Tabasco.

Ignora-se quem introduziu o tabaco em Portugal e qual o ano em que aqui apareceu pela primeira vez; apenas se sabe que reinava então el-rei D. João III e que trazia boa fama de grandes virtudes medicinais. Foi em Lisboa que João Nicot, embaixador da França, viu pela primeira vez a famosa planta e tão entusiasticamente a apreciou que, ao retirar-se para o seu país, não se esqueceu de levar uma «amostrinha» com que presenteou a sua soberana Catarina de Medicis, e o grande chanceler do reino. A sanguinária regente gostou imenso do presente e logo mandou buscar a Lisboa uma grande porção de tabaco, começando a tomar frequentes vezes, a sua pitadinha... E' possivel que assistisse ao macabro espectaculo das ruas de Paris, durante a matança dos huguenotes, com uma boa pitada entre os dedos, tal uma doce e sonolenta avó provinciana... O «pó da rainha» como os franceses chamaram ao tabaco—ao qual a sciencia em homenagem a João Nicot, deu o nome de «nicotiana tabacum»—espalhou-se então por toda a Europa, pela America e quasi todos os paises asiáticos. Para a Italia levou-o um cardeal que veiu á Peninsula, como nuncio do Papa; de França, passou a Inglaterra, país onde apareceram os primeiros charutos, trazidos da Ilha de S. Domingos ou da provincia norte-americana de Virginia, pelo almirante Sir Francisco Drake; a primeira bôca onde se pendurou um charuto foi, porém, a de Sir Walter Raleigh, a quem Drake ofereceu alguns dos que trouxera.

Foi tambem entre 1550 e 1575 que o uso do tabaco se espalhou pela Holanda, Belgica Países, Scandinavos Grécia, Turquia, Persia, etc.

Durante anos, foi assunto de séria controvérsia o saber-se se o uso da «erva santa», nome que os portuguêses deram ao tabaco, tinha vantagens ou desvantagens para a saude; uns apontavam-no como sendo a grande «panaceia» ou remedio universal, capaz de curar tôdas as molestias e até de evitar muitas delas, sendo otimo para dissipar a melancolia, aclarar as ideias, aguçar o entendimento, outros atribuiam-lhe tremendas culpas nos achaques da humanidade, dizendo que atacava o figado, originava cancros, provocava a alienação mental... Não havia meias medidas: de remedio para tudo passava logo a veneno! Quando a campanha pró e anti-tabagista estava no seu auge, vem a Igreja complicar mais a discussão, excomungando todos os que fumassem nos templos. Alguns soberanos seguiram o partido da Igreja, no seu odio ao tabaco, chegando a ser punido, com a morte, na Russia quem chupasse por aqueles saborosos «canudinhos, acezos por uma ponta», de que nos fala o padre Haspar Afonso, na «Relação» de uma viagem á India no ano de 1596. A razão de tão dura pena tinha origem no grande número de incendios que os fumadores haviam provocado na cidade de Moscou, onde as casas eram quasi todas de madeira. Na Suissa—na Suissa liberal e tolerante!—houve tambem penas severas para os fumadores, e no cantão de Berne, pelo ano de 1661, a obrigação de não fumar fazia parte dos mandamentos da lei de Deus, logo em seguida ao que manda «não cubiçar a mulher do próximo»...

Pouco a pouco, a sanha contra a planta tão discutida foi abandonada, a ponto de ser dada inteira liberdade a quem se quizesse envenenar tão agradavelmente.

Em Portugal, não houve repressão anti-tabagista, porque na epoca em que esta atingia o auge em outros países da Europa, reinava em toda a Peninsula um dos Filipes que curando mais da saude dos seus colegas do que da dos seus, tratou de aproveitar a moda, cedendo o monopólio da venda do tabaco por uma quantia que, não sendo importante, sempre era melhor do que nada... Seu filho, Filipe III, seguiu lhe as pisadas e um português, residente em Madrid, arrendou o monopolio, para Portugal, por 40$000 anuais. Em 1640, já o mesmo previlegio custava quatro contos de réis; catorze anos depois, subia a vinte e seis contos. Seis anos mais tarde, cedido o monopólio não por favor régio mas por arrematação a quem mais oferecesse, alguem o chamou a si por duzentos contos, o direito de venha exclusiva do tabaco em Portugal. Sucessivamente, o preço da arrematação do monopólio foi subindo sempre, até atingir, em 1864, a já respeitável soma de mil quinhentos e vinte contos anuais. O sistema de monopólio foi abolido em 1 de Janeiro de 1865, ficando desde então livre o comércio do tabaco, de que o Estado tira grandes direitos alfandegarios. Mas a história economica da extranha planta que dois hespanhois encontraram há quatrocentos e seis anos, lá nos confins da America, daria bem por si só, um volume de respeito, ainda que de interesse muito relativo.

O CÉREBRO DOS CRIMINOSOS

Um juiz norte-americano afirma que o crime é a consequência dum defeito físico do cérebro. Baseia a sua afirmação em 40.000 observações feitas nos tribunais de Chicago.

OS ELEFANTES E OS PIANOS

Calcula-se que as fabricas de pianos do mundo convertem anualmente em teclas os colmilhos de cincoenta mil elefantes.

UMA ESMOLA FEITA HÁ QUATRO SECULOS

Numa igreja situada nos arredores de Peterbourgh, foram encontradas, dentro de uma caixa para esmolas, duas moedas de prata do tempo de Henrique VII e de Henrique VIII. Estavam ali sem serem vistas, há quatrocentos anos.

OUROTERAPIA

Outrora, o ouro foi muito empregado como medicamento e a cura pelo ouro do célebre alquimista Paracelso, no século XVI, ficou célebre na historia da Medicina. Caindo em desuso, só modernamente o precioso metal voltou a ser empregado com fins terapeuticos. O cloreto de ouro tem sido usado, com sucesso, no tratamento do alcoolismo inveterado, do reumatismo, da tuberculose. O brometo de ouro tem sido dado a epiléticos e a cancerosos. As «librinhas» de ouro, essas, é sabido que podem curar muitas doenças e, pelo menos, fazem bem a tôda a gente, principalmente, á «pelintrite» aguda.

A AREIA CANTORA

Em certas regiões em que o solo está coberto duma camada, mais ou menos espessa, de areia fina e seca, essa areia, sob a influencia do vento que a faz redemoinhar produz sons musicais muito harmoniosos. Este fenomeno foi observado no Egipto e no país de Thor, principalmente ao norte do monte de Sinai, onde, segundo narram os viajantes, a areia produz um ruido semelhante ao toque dos sinos. O fenómeno ainda não foi bem explicado, scientificamente. Parece, comtudo, que sob as camadas de areia se encontram rochedos côncavos, formando como que múltiplas caixas de resonância e aumentando assim a intensidade dos sons.

O CLIMA E A IDADE

Os climas frios são muito mais favoraveis á longevidade do que os quentes. Os individuos centenários são muito numerosos na Russia.

Tambem o clima tem grande influência na percentagem de natividade. Nos meados do seculo passado, na região de Napoles nasceram por ano cinco crianças por cada cem habitantes, ao passo que na Noruega apenas nasciam três.

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

cá por dentro

AMELIA REY COLAÇO

A grande actriz que amanhã vai ter no Politeama a consagração devida a quem atravez um fino instincto, uma alta cultura e uma honestidade profissional sem mácula, chegou a um grande lugar—é umas das mais consoladoras certezas de que o Teatro Português não morrerá.

A sua fulgurante e admiravel carreira de triunfos, a simpatia que irradia da sua figura onde ha qualquer coisa do romantismo delicioso de Branca de Gonta, temperado por uma grande cultura moderna, tudo concorre em Amelia Rey Colaço para a tornar uma actriz cujas ambições tem todo o direito de serem no campo da sua arte, ilimitadas.

O espectaculo de amanhã no Politeama, como noutro lugar dizemos, não necessita encomios. São seus colaboradores alem de Oscar Wilde e Dario Nicodemi,—em traduções de Augusto Gil e Paulo Barreto, dois artistas portuguêses: Raul Lino e Leitão de Barros.

palestras de café...

"Grande artista em todos os generos"

—O meu amigo leu decerto *Brichanteau comédien e Brichanteau célèbre*, esses dois deliciosos livros de Claretie em que está feita admiravelmente a psicologia do actor d'outras éras...

—Não li. Devo confessar-lhe que não conheço o francez a fundo.

—Não se desconsole. E' o que sucede á maior parte dos traductores. Pois, como iamos dizendo, o velho comediante, a quem o celebre administrador da Comedia Francésa emprestou uma vida admiravel de verdade, em certa altura da sua vida aventurosa de *tournées* falhadas em reconditos teatros de provincia, faz-se anunciar nos cartazes como: «*Grand comédien en tous genres*». Ora o que nos parece ridiculo em relação a Brichanteau, um pobre diabo que tinha entranhado o amor da sua profissão, sucede hoje á maioria dos nossos artistas. Desde que se resolveu não fazer mais teatro portuguez em Portugal e só representar as menos adequadas peças estrangeiras, desde que as companhias e os teatros não tem género definido, os nossos comediantes interpretam hoje uma farça hespanhola de terceira categoria, amanhã uma peça de Bataille e nunciam para o mez que vem Bernard Schaw, Arniches, Oscar Wilde, uma engraçadissima farça italiana, a ultima novidade do Palais Royal, talvez o seu bocado de Shakespeare e tudo isto temperado com uma revistéca em um acto. A primeira actriz da casa interpreta na mesma epoca uma *midinette* de Paris, uma daquelas princezas russas que os Merés fabricam, uma andaluza dos Quinteros, uma senhora complicada de Nicodemi, que sei eu? A edade das heroinas varia dos desoitos aos trinta e cinco anos; o caracter das obras vae—como disse—da farça de situações, á alta comedia de paradoxo ou á tragedia de largo fôlego.

O mais singular é que, a darmos crédito aos artigos de jornaes, os artistas são sempre admiraveis. Acrescente a isto que a maior parte das peças necessitaram, no paiz de origem, mezes de estudo e de preparação. Os creadores dos principaes papeis tinham conhecimento dêles e da obra com larga antecedencia. Por cá bastam quinze a vinte ensaios, não estando, muitas vezes, traduzido o ultimo acto quando se começa a ensaiar o primeiro. Em seu parecer que devemos concluir de tudo isto?

—Eu? Nada. Como sabe, não é habito portuguez tirar conclusões.

—Pois a primeira que tiro é esta: dificilmente se encontrará no mundo aptidões e boas vontades como as dos comediantes portuguezes. Em toda a parte—salvo rarissimas e notaveis excepções—os melhores artistas estão especialisados.

Victor Boucher tem os seus papeis, como Guitry tinha os dêle. Ha um abismo entre as creações de Marthe Régnier e as de Maud Loty, entre as de Lysés e as de Gaby Morlay, entre as de Sergine e as de Spinelly, para não falarmos agora senão de artistas francezes muito conhecidos. Se um autor levasse à Spi um dramalhão da Sergine, estou ouvindo daqui o que diria na sua colorida linguagem a pitoresca companheira de Raimu. Pois, em Portugal e dentro da mesma época, uma primeira actriz será Régnier, Gaby Morlay, Sergine e Maud Loty. Um primeiro actor largará um papel de Guitry de Francen, de Arquillière, para fazer um Victor Boucher, um Jules Berry, etc. E tudo isto quasi de improviso, sem tempo para estudar suficientemente. E' admiravel que tudo isto se passe sem catastrofes, sem estenderêtes formidaveis, sem violentas ofensivas de crítica e sem represalias do publico. Pelo contrario, cada peça nova acrescenta um florão de gloria na corôa dos nossos «grandes artistas em todos os generos».

—E o meu amigo não acha bem?

—Acho optimo. De resto, a achar mal, seria o único e não gosto de tornar-me notado. Deixemos correr os tempos. Creio na vinda dum empresário—mas empresário a valer, sem ser actor e resolvendo pelo seu miólo—o qual, tomando um teatro, lhe imprima um genero definido, escolha o seu reportorio nessa conformidade e agrupe uma companhia adequada, sem fenómenos nem vitélas de cinco cabeças. No genero e reportorio escolhido seguirá quanto possivel o gosto do publico. Para quem se trabalha e quem paga na bilheteira? E, quando o publico souber que ali, naquéla loja, lhe fornecem sempre o mesmo género de artigo e em muito sofriveis condições, verá que se afreguésa e, no final da época, o citado empresário constatará com os seus botões não ter perdido o seu tempo, nem nos ter feito perder o nosso.

A. B.

comentarios

Augusto Gomes

Administrador do Teatro Nacional

Ha meia duzia de dias, Augusto Gomes era o administrador do Teatro Nacional. A' sua «honorabilidade», aos seus «conhecimentos de teatro», á sua «cultura» estava entregue a primeira scena do paiz!

E' preciso que se tenha descido muito baixo, para que entregasse a um homem que tinha a vida e a conducta social de Augusto Gomes—vida o conducta conhecida ha muito—a direcção daquela casa de espectaculos.

Este facto não era possivel em nenhum paiz da Europa.

Não é o crime repelente que o poz em fóco, que envergonha quem desceu ao ponto de o admitir na Casa de Garrett.

São os seus antecedentes, esses que todos conheciam.

Como portuguêses, como artistas sinceros que muito amamos essa arte tão maltratada do Teatro, punge-se-nos a alma de vergonha.

Que bandalheira, que porcaria, se levanta a cada canto desde a montureira do Angola e Metropole, aos «19 de outubro» e a este Augusto Gomes, simbolo extremo de extremas infâmias!

Que tristeza!

Que tristeza e que necessidade absoluta de nos unirmos, aqueles que amamos a terra onde nascemos, e que não desistimos de viver com honra!

Que este espectaculo ao menos sirva para mostrar ao Governo a que desceu o Salão do Borralho que é o nosso Teatro Nacional!

MARIA CLEMENTINA, A BRILHANTE ACTRIZ DO POLITEAMA

(*Desenho inédito de Botelho*).

S. Luiz — Companhia Armando Vasconcelos com Auzenda de Oliveira. «Roma galante».

Gymnasio — O «Az» com Palmira Bastos, Gil Ferreira e Silvestre Alegrim. Enorme exito.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

Politeama — Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. Grande festival Amelia Rey Colaço.

Nacional — Grande exito da peça «A Dança da meia noite», de Mére, tradução de José Sarmento.

Trindade — A grande Companhia Lucilia Simões—Erico Braga «A Exilada».

Apolo — Companhia sobre a direcção de Rafael Marques, «O Martir do Calvario». Formidavel exito.

Coliseu — Grande sucesso d celebre artista Raymond.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

2.° PREMIO

A FEIA

Pagina de sentimentalidade e ternura fatalista. Enternece e comove.

O sol já vai a esconder-se lá para as bandas de Santa Clara e, batendo no Mondego que corre manso, põe na agua scintilações que ferem a vista de quem passa, do lado de cá, a caminho do Choupal. Hora de tranquilidade, repouso e recolhimento. Silencio. Súbito, trazida por uma aragem da frescura, uma cantiga: uma lavadeira, batendo a roupa, canta, procurando espantar seus males, que nenhuns são.

Caminho do Choupal, de vagar, muito de vagar, seguem dois vultos: um de môço e, outro de cachopa—estudante e tricana. Seguem conversando, tam manso, que mal se ouve o que dizem.

—E a quantas já disse o Snr. Dr. Vasco essas mesmas coisas?—Preguntou ela, a tricana.

—Juro-te... Maria José...

—Não jura, não! Olhe que é feio mentir. Quando eu era pequenita, pouco mais crescida que o chão, quanta pimenta na lingua não me deitou minha mãe que Deus tenha! Do que o Snr. Dr. precisava, bem eu sei! Ah! Não ter eu, aqui, á mão, um bocadichito de pimenta!

—Crê-no que te digo. E' muito a serio que te falo.

—Ora vá lá a gente fiar-se! Essa é a lenga-lenga que os Senhores Doutores dizem todos os dias a todas nós. A todas, não! A's outras, ás outras! Que eu—louvado Deus!—nunca tive rapaz que me tivesse uma pontinha de afeição...—E, dizendo isto, a Maria José tinha, nos olhos castanhos—tam castanhos que mais pareciam da côr do luto—lagrimasitas aos cantos, trementes, receosas de tombar pelas faces.

—Acredita-me... cachopa! Tu bem sabes que gosto de ti.

—Tudo mangação! O Snr. Dr. Vasco pode lá gostar de mim! Até mal lhe fica dize-lo. Gostar da Feia! Deixa-me rir.

—Que é isto: não se pode falar-te a serio, que tu vens logo com essas coisas...

—Que quere que eu faça, então? Que finja que acredite? Se isso lhe dá prazer...—E a Maria José, sorrindo, num sorriso trocista, cantarolou numa voz bem timbrada:

—O amor dum estudante não
dura mais que uma hora...

—Sempre a fazeres pouco! Não mais te volto a falar a sério...

—Não! Quero que me fale com franqueza...

—Não queres acreditar que te quero...

—... Muito pouco...

—Muito... muito...

Para lá de Santa Clara, já se escondeu o sol. O rio continúa a correr vagaroso, agora, sem scintilações que firam a vista. Hora mais que de tranquilidade, repouso e recolhimento. Ouve-se, apenas, de súbito, a cantiga dum beijo e um suspiro fundo. Tranquilidade absoluta, em toda a natureza...

* * *

Feia!

Vinte anos tristes; vida sem vida; corpo sem saber de outro corpo; alma sem alma que a compreendesse; olhar que não via olhar que o fitasse mais demoradamente; bôca que não conhecia outra bôca; braços que, em abraços não sabiam de outros braços.

Feia! Nêste simples nome, era toda uma vida de angústias, chôros, incompreensões e desgraças: quatro lêtras que bem podiam ser substituidas por quatro lágrimas daquelas que não chegam a humedecer os olhos e ficam a humedecer e a fazer chorar a alma

—... Muito pouco...
—Muito... muito...

que chóra, ás vezes, humedecendo-se como os olhos, numa névoa que só nos deixa vêr para dentro, olhar para nós proprios, como se toda a desgraça esteja em nós e toda a desgraça dos outros nenhuma seja.

E era realmente feia, a Maria José! Tam feia, que jámais alguem a requestára. E ela tinha um grande desgosto nisso, uma mágua enorme e indisivel em ser assim.

Via as companheiras sempre cortejadas por rapazes que, de corpo e alma, se lhes entregavam. Por isso, ela tinha inveja das outras—ela, a coitada

— Só por ser feia ele me deixou...

que nunca tivera quem buscasse seu afeto de môça que, do amor, só sabia o nome. E tinha longos ataques de nervos em frente ao espelho que, sem embustes, lhe mostrava sua face de predestinada para o desamor. Mas tudo isso passou...

Porque, depois daquêle passeio mais o Dr. Vasco, para ela abriu-se uma nova vida, vida de amor a que se entregou, de olhos fechados e alma aberta de par em par, como avesita que as asas abrisse para o primeiro vôo...

* * *

E, um dia:

—Adeus!

—Adeus!... Até nunca mais!...

Tudo findou, entre êles. Tudo findou, como devia findar—naturalmente. A Maria José era uma rapariga mais banal do que qualquer outra e o Dr. Vasco tinha mais onde perder o seu tempo.

Para êle, não fôra *aquilo* mais que uma conquista como muitas outras, conquista em que passára, apenas, o empenho de triunfo por se tratar de mulher que jamais fôra requestada e que, por isso, lhe poderia dar os prazeres de uma iniciação. Para a Maria José, aquilo fôra tudo: o seu primeiro amor sublime de grandeza—labareda que ardera pequena, de começo, maior, depois, e que continuaria aumentando, subindo mais, de cada vez.

Para êle, nada. Para ela, tudo.

—Adeus!—Dissera ele.

—Adeus!—Soluçára ela.

E ele partiu... para nunca mais...

E, dos olhos negros e grandes da Maria José, então mais lutuosos do que nunca, rolaram pelas suas faces abaixo, duas enormes lagrimas—enormes, como a sua primeira desilusão...

* * *

...E, no cérebro enfraquecido e adoentado da Maria José, aquele pensamento começou de tomar vulto, dando-lhe que scismar, até vir a ter uma certeza absoluta.

—Só por ser feia ele me deixou. Só por isso. Não porque meu amor e meu sangue se esfriassem, não porque o afêcto que lhe tinha e o desejo que me animava fôssem um mais pequeno e outro menos exaltado que os de qualquer outra.

Amorosa de corpo e alma, a Maria José pelo ardor enorme da sua primeira paixão, bem deveria ter prendido para sempre o Dr. Paulo. Mas sua má sorte de predestinada para o desamor antes quizera dar-lhe uma desilusão.

E que desilusão! Para quem puzera em tão grande altura seus sonhos e sua ancia ilimitada de amorosa, mór desilusão não poderia haver. Para quem vira naquêle amor um começo da vida feliz, um principio da ventura, maior abalo não poderia haver.

Aquela ideia foi-a tornando mais triste, aos poucos. Toda se consumia em longos e desesperantes ataques de nervos, ante o espelho que sempre igual lhe mostrava sua face de predestinada para o desamor e para o desencanto...

* * *

Soube-se hoje da morte dela. Esta manhã, nas aguas-furtadas da casa em que tinha o seu quarto, foram encontra-la dependurada da trave mais alta, por uma corda, com a face toda chagada e contorcida pelo vitríolo...

A. de S.

Concurso de Novelas Curtas

OS NOSSOS CONCORRENTES PREMIADOS

O SR. BARROS DA FONSECA, que nos enviou uma das belas narrativas premiadas e que demonstram largas faculdades literarias.

Pedimos a todos os premiados a fineza de nos enviarem os seus retratos com a maior brevidade, bem como as suas direcções afim de lhes serem entregues os respectivos premios.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

O TAXI DA MORTE

Formidavel pagina da vida misteriosa e tragica das cidades, onde passa um fremito gran-guignolesco.

FOI sobre a ponte dos vapores em Alcantara, que naquela manhã parda e nevoenta da partida dos degredados eu vi, pela primeira vez, o «Pé de Chumbo».

Era um craneo soturno e duro, prognatico, anguloso, com os malares salientes como batatas, e uma grenha hirsuta e mesclada sobre a testa saliente.

O vago estrabismo do seu olhar incerto e sinistro, dava-lhe á expressão, maguada das vigilias da cadeia, a maceração dos doentes do manicomio. Estava de bôrco, sentado sobre a magra bagagem com que partia nessa manhã, a cumprir, finalmente, pena maior pelo seu ultimo homicidio voluntario: aquele crime da Azinhaga da Boa-Vista, a Marvila, que deixára um lavadeiro de Loures, retalhado á punhalada, e enterrado no lôdo dum braço de agua, á beira do caminho.

Estava absorto e indiferente, enterrada a cabeça nos braços, o «Pé de Chumbo».

Foi rodando lento para bordo, ao chamamento aspero dos policias, sem um olhar de saudade para a terra, sem uma lagrima que ficasse no cais correndo por ele, sem uma mão que—dentre a multidão de farrapos que especada sobre a muralha ficou a carpir em silencio a dôr—para ele se erguesse num adeus da terra...

* * *

Dois anos depois, num domingo, á volta num electrico da Praia das Maçãs, entre companheiros avinhados, um homem cheio de somno tombáva a cabeça, emoldurada por um lenço branco no colarinho, sobre o peito duma mulher gorda, em cabelo, com uma cicatriz que lhe tomáva a face, do nariz á orelha esquerda. Esse homem era o «Pé de Chumbo». Brilhavam lhe nos dedos grosseiros, acavalados uns sobre os outros, aneis de oiro macisso, e unia as duas abas do seu colete aberto, uma dupla corrente tambem de oiro.

Quando dias depois, no Governo Civil, referi o encontro—já os agentes sabiam do seu regresso á metropole, com dinheiro grosso e de proveniencia nebulosa.

No entanto o «Pé de Chumbo» seguia tranquilamente a sua vida, começou aparecendo como se em vez dum evadido, confesso, de presidio, fosse apenas um touriste recemchegado duma simples viagem de recreio. Dispunha de protecções oficiais—dizia-se. E para atenuar qualquer vago protesto que surgisse—murmurava-se que o «Pé de Chumbo» estava regenerado, e se dera a negociar em lenhas e carvão, para as bandas da linha do Sul e Sueste. E tão firme o «Pé de Chumbo» se achava instalado na vida que eu viu-o certa tarde, em pleno pateo do Governo Civil, verberando a policia por um excesso qualquer—e constou até que empunhara um cartão da Segurança do Estado, que o fizera agente.

* * *

Seguiamos os dois, nessa tarde doirada, pela Avenida, para o Campo do Sporting.

O carro onde iamos era um Renault escuro armado em «limousine». Parecia um carro novo, lançado na praça na furia do negocio dos taxis.

De repente, na curva da Rotunda, o «chauffeur» voltou-se um pouco e eu pude ver-lhe a cara em que ainda não reparára. Tive um pequeno sobresalto e disse ao meu companheiro, a meia voz.

—Sabes quem nos vai a guiar? o *Pé de chumbo:* quatro mortes, onze prisões por furto, uma evasão de Africa e duas de Monsanto...

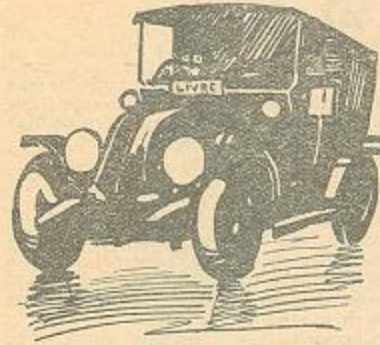
O meu companheiro balbuciou, a

Estava absorto e indiferente

sorrir, mas palido: Desejo enterro religioso e não quero corôas...

* * *

Era essa uma arma de crime que ainda não estava explorada: o taxi.

Os bandidos de automovel que aterraram Paris e puzeram em estado de sitio um bairro inteiro serviam-se do automovel para os crimes terriveis. Mas traiçoeiro, mais cinico, mais cobarde, o *taxi* do *Pé de Chumbo* é uma arma de outro genero. Anda ás voltas pelo Rocio, á noite, lento, a rondar, como um abutre negro e pesado, as

O «Taxi» da Morte

victimas inocentes. Só faz serviços para bairros, afastados a mulheres desacompanhadas e fracas em cujas orelhas brilham dia mantes e cujos corpos se enlacem em casacos de péle...

* * *

Por isso eu não extranhei aquele crime terrivel da Avenida Gomes Pereira. E quantos crimes se sucederão a esse, perpetrados na cumplicidade da noite escura, com os farois apagados, a victima deitada sobre um banco do carro, um joelho no peito, uma mão nas guelas... um soluço rouco... e depois... a cabeça tombada como um fardo, o corpo atirado como um saco para o fundo do carro, até á viela imunda e apagada, onde se atira para o monturo como os restos do lixo inutil.

E, dali a cinco minutos, outra vez no Rocio

a rondar

a rondar, pesado, negro, como um abutre, a lançar as rodas como garras, e tendo ao volante o olhar sinistro, estrabico, nublado do *Pé de Chumbo*, farejando a presa na primeira arveola descuidada que passa, dilatando as narinas de sensualidade brutal ao primeiro corpo vestido com luxo, que os seus farois iluminam com a luz da Morte. Não! Não pode ser! E' preciso que o teu carro que é um coche-funebre, e tu o terrivel companheiro que andas a enterrar mulheres vivas—sejam conhecidos, apontados, escorraçados! Não, o TAXI DA MORTE não nos pode surgir a cada esquina sob a absurda impunidade que os homens do teu cadastro tem tido!

* * *

E' preciso purificar a vida desta pobre e triste cidade, deste «bas-fond» tragico e imundo, onde os criminosos da peor especie se guindam a situações de destaque—e onde bandidos sem cotação são politicos, e dão as cartas nas cavernas das seitas de Morte!

E' preciso trazer a este claro sol, e expôr á repulsa dos corações e das almas bem formadas, essa gente tenebrosa que se anichou sob o pseudonimo vago de revolucionarios de ainda mais vagosi deais e que é na sua maioria uma cafila de bandidos!

E' preciso definir claramente, até onde o ideal leva um homem a arriscar nobremente a vida—e onde começa a farça torpe dos profissionais do crime!

E' preciso que a policia seja policia, implacavel, justa, vigilante!

* * *

Esta cronica nada tem que ver com a morte da actriz—mas tem que ver com a falta de exigencia de cadastro limpo a alguns «chauffeurs»—felizmente poucos—a quem se entrega a segurança dum passageiro descuidado numa descuidada viagem de taxi: Que pensem nisto os directores das garages—antes que seja preciso pôr em vigor entre nós as leis apertadas de Madrid e de Paris.

O Reporter Misterio

Concurso de Novelas Curtas

OS NOSSOS CONCORRENTES PREMIADOS

O SR. JOÃO PEDRO DE ANDRADE, que se revelou um belo temperamento de novelista, obtendo um premio do nosso concurso.

VARIA

PRAÇA DE ALGÉS

O espectaculo em Algés, no domingo passado merece um relato especial, devido ao «grande e horrivel» acontecimento que passo a descrever:

Não sei se V. Ex.as conhecem o Cruz, velho aficionado. Se não o conhecem, em breves traços vou dizer quem ele é. O Cruz, continuo da 5.a Repartição da Camara, é o funcionario mais popular que existe no Municipio de Lisboa.

Não é um grande homem na acepção da palavra, pelo contrario, é um sêr de minusculas dimensões, tendo a recomenda-lo o seu respeitavel nariz de maiusculas e avantajadas proporções... Quando está sério, provoca o riso aos outros e quando se ri, toda a gente o acompanha no gesto.

Um tanto ou quanto «galináceo», não possue um unico dente, lembrando por este motivo um frango de menor edade, se bem que em tempos idos tivesse cantado de poleiro e sempre que as ocasiões se proporcionassem, arrastava a sua aza traiçoeira a qualquer «franga» que se lhe cruzasse no caminho...

Ultrapassando as sessenta primaveras da sua longa existencia, ainda recorda com saudade as esperas de touros no Campo de Sant'Ana e lamenta que os seus parcos honorarios não lhe premitam uma vez por outra ir ao Campo Pequeno assistir a uma tourada.

O nosso Cruz é estimadissimo por todos os funcionarios da Camara; desde o Presidente do Municipio, ao mais infimo servidor municipal, toda a gente o estima e a grande dedicação que ha por ele é devida ás suas excelentes qualidades de caracter, muita honestidade, sobejamente disciplinado, e sobretudo um coração diamantino, alma de eleição e fidelissimo cumpridor dos seus deveres profissionais.

O Cruz estima-me loucamente e sabendo que as minhas relações com o emprezario do Campo Pequeno e Algés não podem ser mais amistosas, pediu-me, ou antes, com a maior das humildades solicitou-me um bilhete gratuito para a novilhada de Algés. Fui ao encontro do Sr. Segurado e após o meu insignificante pedido, este senhor dispara-me—pela primeira vez!—esta inesperada resposta: «O BILHETE QUE ME PEDES PARA UM AMIGO, NÃO O POSSO CEDER; OS AMIGOS QUE COMPREM BILHETE PARA O CAMPO PEQUENO SE QUIZEREM IR DE BORLA A ALGÉS. SE FOR PARA ALGUMA PESSOA DE TUA FAMILIA, ESTÃO ÁS ORDENS AS ENTRADAS QUE QUIZERES». Desnecessario será dizer que me retirei sem proferir uma unica palavra... de reconhecimento.

O velho aficionado Cruz, ao saber este contratempo, teve uma sincope e se não fôra a «defeza» que a natureza lhe concedeu, teriamos fatalmente que lamentar a estas horas uma disforme contusão na sua região frontal, o que seria um desastre moral para todos os seus numerosos amigos e parentes...

* * *

Ás quatorze horas de domingo passado, nem um «taxi» disponivel; os trens estavam todos comprometidos e os comboios despejavam multidões que se dirigiam para a Praça de D. Pedro em busca de carros electricos ou outros meios de transporte para Algés.

A Companhia Carris mandou suspender as carreiras ordinarias e ordenou a sahida de todos os carros simplesmente para o Dafundo e Algés, tendo sido até á hora de começar a corrida, um assalto constante para este ponto, onde milhares de pessoas desejavam adquirir bilhete para a corrida, custasse o que custasse.

A praça esteve literalmente cheia, vendo-se ondas de povo sobre os telhados dos camarotes e galerias, estando calculado em mais de desesseis mil, as pessoas que não conseguiram entrar na Praça por falta de logares.

Uma perfeita loucura! Um entusiasmo indiscritivel!...

Por este motivo o snr. Segurado andou bem em não oferecer bilhetes aos maçadores que só o procuram para borlas...

. . . .

Eu não fui á corrida, motivo porque não posso dizer o que se passou na arena de Algés, em 11 do correate, dia das Sete Dôres de Nossa Senhora...

ZÉPÊDRO

* * *

Detalhe da corrida, de hoje, no Campo Pequeno

1.º touro, para—Simão da Veiga.
2.º » » —João Froes (alternativa de Parracho).
3.º touro, para—Custodio Domingos e Agostinho Coelho.
4.º touro, para—Antonio Luiz Lopes.
5.º » » —J. Sagarra e Carlos Santos.

INTERVALO

6.º touro, para—Simão da Veiga e Antonio Luiz Lopes.
7.º touro, para—espada, *Parejito de Valencia*.
8.º » »—os bandarilheiros que o jury determinar.

—

Este programa poderá ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

MOINHO DE PACIENCIA

SECÇÃO A CARGO DE JOSÉ DE OLIVEIRA COSME; ***DR. FANTASMA***

Peço aos distintos confrades, colaboradôres e decifradores do *Moinho*, a maxima atenção para as modificações que, a partir do *proximo numero*, sofrerá esta secção. As *regras charadisticas* publicadas no n.º 62, regras que foram ditádas, de comum acordo, por uma reunião de abalizados charadistas, continuarão a vigorar, como até aqui: Estou, completamente, de acôrdo com elas.

Apenas, implantarei um novo regulamento para esta secção que, julgo, irá satisfazer todos os confrades que honram estas colunas com os seus eximios trabalhos. Muita atenção, pois, para o novo

REGULAMENTO

Esta secção sairá em *series de 12 numeros: o proximo numero* será o *n.º 1 da 1.a serie*. Os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções das charadas publicadas, indicarão, nas listas que enviarem, a produção que mais lhes agradou, nesse numero. Ao autor da charada mais votada, será conferido o *Quadro de Distinção* que sairá no *Moinho* que trouxer as soluções desse numero.

Terminada uma serie (12 numeros) procederei ao apuramento: o colaborador que conte maior numero de *Quadros de Distinção* será eleito campeão dessa serie e ser-lhe ha publicado o retrato nesta secção.

No caso de haver dois ou mais colaboradores com o mesmo numero de *Quadros*, vencerá o que tenha obtido maior numero de votos. No caso, ainda, de terem *Quadros* e votos em mesma quantidade, decidir-se-ha por sorteio.

Para os decifradores, haverá: *Quadro de Honra*, para os *totalistas* e *Quadro de Merito*, para os que enviarem *pelo menos*, 50 % das soluções, No fim de cada serie, procederei ao apuramento: Ao decifrador que tenha enviado *todas* as soluções *exactas* desses 12 numeros, será conferido o titulo de campeão dessa serie e ser-lhe-ha publicada a fotografia nesta secção: No caso de haver mais do que um *totalista*, decidir-se-ha por sorteio da Santa Casa da Misericordia. No fim de 4 series (48 numeros) procederei ao *apuramento final*. O colaborador que contar mais fotografias publicadas, será eleito *Campeão dos campeões* e terá direito a uma medalha comemorativa, oferecida pelo *Moinho de Paciencia*.

O mesmo, para o decifrador que tenha maior numero de fotografias publicadas. No caso de empate, haverá sorteio.

MUITO IMPORTANTE. — O prazo para a remessa das decifrações é, *rigorosamente* de 15 (quinze) dias. *Serão anuladas todas as listas* que, contendo, pelo menos 50 % (metade) das soluções, não tragam a *votação* a que acima aludi. As producções em verso não podem ter mais de *cinco quadras* ou o seu correspondente em numero de versos, (20). Os conceitos *parciais* e *totais* devem verificar-se *rigorosamente*, nos dicionarios mencionados. *Todas as producções* do director desta secção serão consideradas *Hors-concours* sendo anuladas as votações a seu favor.

Toda a correspondencia relativa a esta secção será remetida para a Rua Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa e endereçada ao seu director,

O proximo numero é o n.º 1 da primeira serie.

DR. FANTASMA

QUADRO DE HONRA

BIS-CONDES, D. GALENO (T. E.),

GENITO, P. J. M.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 63

DECIFRAÇÕES DO N.º 63

Gualdrapar, Malventuroso, Aceirado, arara, montano, caravela, hidrogenio, rilador, abalo, arcano, Euler, paraizo, Valente, tabido, dardar,

LOGOGRIFO

1) Meu caro *D. Galeno*, essa charada
Que veio no «Domingo» publicada,
Só pude conseguir matar o *fim!*—1—6—5—4.
Consultei, sem cessar, os alfarrabios,
Escritos pelos grandes mestres sabios,
Sem *preferir*, sequer, outros, emfim...—2—1—7—5.

E peço me perdoi esta *ousadia*,—3—4—5—2.
Se o vou meter em tragica arrelia
E dar muitas dores no *costado*;—4—5—3—2
E' que fiz uma *fenda* no bestunto—5—6—1—1
Sem resolver, sequer, nada do assunto
A' procura do «*é*» tão bem formado!...

Embora um *fóra!* O «D. Galeno» vote—6—5—5—4
A este logogrifo dum «pechote»!
Ha-de *romper*, primeiro a paciencia—7—5—2—5
E para elucida-lo, em tom perfeito
Filha de Hercules encontra no conceito
Procurando, talvez, com mui prudencia!

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

ENIGMA EM VERSO

[Agradecendo e retribuindo a Lord Da Nozes a [illegible] *parte na sua* Justa*]*

2) O meu amigo poz isso
Na causa forte do velho
E defendeu, com juizo,
Doutrinas do Evangelho.

Era uma historia bem linda
Se côr mais firme lhe desse.
A causa mais dura finda
Quando a nossa alma arrefece...

Homem, policia, velhinho,
Todos vi com indolencia;
E, até, o meu amiguinho
Em nada, teve *prudencia!*...

Lisboa — LHALHA (T. E)

CHARADAS EM FRASE

[A ilustre presidente da T. E.]

3) Devisei no *ocaso*: qualquer *coisa* que me turva a «*razão*». —1—1

[A D. Simpatico]

4) Na minha *retaguarda*, fizeram-me uma *partida* dando em resultado disparar uma *bala*.—2—2

[A Lord Da Nozes]

5) Uma *pessoa sincera e leal* tantas vezes foi rouba que, *finalmente*, deu com o *ladrão*.—1—1

Lisboa — ORDISI (T. E)

6) E' muito *justo* que o teu *parente* tenha por aquele homem a *aversão* que mostra.—1—2

7) Vai dizer á *mãe* que leve á farmacia uma vasilha para nela trazer o *medicamento*.—2—2

8) Vi no Canadá uma «*ave*» na cabeça duma «*mulher*», qua parecia mesmo, um gôrro.—2—2

Lisboa — D. GALENO (T. E)

CORREIO

REI DO ORCO—Muito obrigado a Vossa Magestade, pelas amaveis palavras que me enviou. Sempre ás ordens.

CAMARÃO, LORD DA NOZES—Recebi e agradeço. Ao vossodispôr.

Solução do problema n.º 64

	Brancas	Pretas
1	23-27	32-27
2	17-22	11-29
3	2-7	10 3 (D)
4	26-31 (D)	3-17
5	31-13-2-20 27-18 4	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 65

Pretas 1 D e 5 p.

Brancas 1 D 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 63 a sr.a D. Emilia de Sousa Ferreira, e os srs.: Alfredo da Costa (Barreiro), Antonio Teixeira Marques, Artur Santos, Carlos Gomes (Bemfica), Neulame, R. Sacadura (Figueira da Foz), Rui Freiria, Sueiro da Silveira, Vicente Mendonça, Um oficial (Foz do Douro) e Barata Salgueiro (Bemfica), que nos enviou o problema hoje publicado.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

Varia

PALAVRAS CRUZADAS
o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

QUADRO DE HONRA

AULEDO, N.º 2, GÊNITO, ALVARO AFONSO, ZENITH.

NOTA IMPORTANTE.—Toda a correspondencia relativa a esta secção, deve ser endereçada ao seu director e remetida para a *R. Alvaro Coutinho, 17, r/c,—Lisboa.* decifrações devem ser enviadas, *o mais tardar* até *próximo sábado.*

HORIZONTAIS.—1—consoante, 2—chá e'u inglez, 3—confiava, 4—amada, 5—anagrama de LA, 6—ruim, 7—trez letras de lenço, 8—manto real, 9—nome de mulher, 10—adverbio de tempo, 11—pouco es,essa, 12—anagrama de «cobrai», 13—herva do Brazil. 14—plantio de tamarindos, 15—cidade africana, 16—fusil

de ferir lume, 17—couraça antiga dos deuses. 18—suporte do aparo, 19—devesa para o gado pastar, 20—anagrama de «chias», 21—um só 22—anagrama de «chat», 23—estudado; 24—combinação das letras IAMINEO, 25—antigo dialecto francês, 26—oferece, 27—liga 28—vogal.

VERTICAIS.—1—máquina de tecer, 2—parente, 3—duas consoantes, 4—terra portuguêsa 5—pássaro,—7—olhai, 8—duas vogais iguais, 10—anagrama de «merci», 12—anagrama de «fia», 16 instrada, 29—bebida indigena, 30—anagrama de «dá», 31—pálido, 32—o que eleva a alma ás coisas celestiais, 33—arbusto, 34—segur., 35—combinação das letras NOADI, 36—poesia, 37—cota, 38—enérgico, 39—vogal, 40—vivifica, 41—intergeição.

SOLUÇÃO DO N.º 65.—HORIZONTAIS. —1—Vaca, 3—Boer. 7—Içar, 13—Aetite, 25, —Oslo, 37—Cavaleiros, 38,—Bola, 39—Estrelai 40—Elabora, 41—Tear, 42—Boi, 43—Erar, 44—Alda, 45—Aiz, 46—Lava, 47—Ao, 48—Suina, 49—Is, 50—Bala, 51—Não, 52—Un, 53—Oa, 54—Lar, 55—Hiso, 56—Ardor, 57—Sus!, 58—Ir, 59—Biu, 60—Os, 61—Lisongear, 62—Riso, 63—Arabá, 64—Siagonia, 65—Pd, 66—Css, 67—Nan, 68—Tolo, 69—Odios, 70—Casa, 71—Assis.

VERTICAIS.—1—Valeta, 2—Acerra, 3—Bat.ª 4—Oleiras, 5—Ce, 6—Ribeirinho, 7—Isabel, 8—Ralarás, 9—Até, 10—Vil, 11—rol, 12—Olá!, 13—Atado, 14—Selados, 15—Ora, 16—Ravinosos, 17—Oui. 18—Sala. 19—Naire, 20—Aos 21—Al, 22—Arabesco, 23—Alisa, 24—Ostrinos, 25—Orlados, 26—Orobita, 27—Riais, 28—Duras, 29—Sôpro, 30—Ir, 31—Nados, 32—Ia 33—Onda, 44—Nais, 35—Iá, 36—Si.

CORREIO

DOIS PRINCIPIANTES.—O problema n.º 1 que enviaram, sairá na devida altura. O outro é muito grande. Aperfeiçoem-se no desenho e continuem. Não massam nada.

KURITSA.—Sai no próximo número. Terei muito prazêr em continuar a receber trabalhos de V. Ex.ª

ESPECTRUZ.—Está ótimo. Parece feito de propósito e com alusão... Se puzesse lunetas... Sai brevemente.

ABILIO PERALTA BASTOS.—Sai na sua altura. Continúi, mas aperfeiçoe-se no desenho. Sempre ás ordens.

CAMELIA.—Era favôr desenhar os seus problemas em papel branco e a tinta da China.

NOTA.—O problema que hoje publicamos é da autoria da nossa ilustre colaboradora Ex.ma Senhora D. Ilda Pereira e Silva.

DR. FANTASMA

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 65

Por W. Grreenwood

Pretas (1)

(Brancas (4)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Deliciosa e artistica miniatura «Rex solus»

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 63

1 C 1 B D

Problema da Escola ingleza que mostra o talento do celebre compositor Heathcote. Extremamente curiosos os 14 mates em resposta aos movimentos da Dama preta.

Resolveram os srs. Marques de Barros, Ruben Garcia, Campos Vidal, Grupo Albicastrense,Sueiro da Silveira, Nunes Cardoso, Vicente Mendonça, e Club Portuense Porto).

Iniciou-se um «match» por correspondencia entre os Clubs Gremio Literario (Lisboa) e Club Portuense (Porto); o grupo do Club Portuense é constituído pelos srs.: Marquez de Ficalho, João Povoas Ramos de Magalhães, Antonio Vasconcelos Rocha Paris, José da Silva Moça Marques e Miguel de Lencastre Mota Ribeiro, o do Gremio Literario pelos srs. coronel Avila da Graça, dr. Oliveira Soares, Domingos Centeno e dr. Mario Machado.

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

MARIA TACHUDA.—Escreveu tão pouco Minha Senhora! Em todo o caso tem uma letra que convida a fazer a sua analise. Faça a fineza de enviar mais umas linhas pois só três... só se eu adivinhasse e não sou quiromante, sou só grafologa.

FORMIGNY.—Caracter «reeferme», ideias proprias e independentes, egoismo, diplomacia, generosidade muito bem entendida, só dá quando precisa dar, mundanismo, amor á estetica, boa memoria, espirito religioso, pouca vaidade.

AMIATOR (Porto).—Mais esperto que inteligente, nervoso, impulsivo, bom diplomata, memoria excelente, detalhista, caracter facilmente irascivel mas bondoso no fundo, amor ao conforto, activo e trabalhador, simples nos gostos.

UM CREADO DE V. Ex.ª—Caracter energico e impulsivo, inteligencia clara e rapida, generosidade prodiga, ideias muito suas e muito independentes, bom gosto artistico, ordem, boa memoria para tudo menos para nomes e pessoas, pessimismos passageiros, apaixonado e sensual, orgulho sem vaidade, trato afavel, energia moral.

FE' NO FUTURO.—Começa o senhor, por me dizer que é constante e trabalhador... portanto não é facil deduzir que tem força de vontade, afinal é voce que faz a sua analise ou seu eu? Dir-lhe-hei então os seus defeitos já que conhece tão bem as suas qualidades (que aliás são certas), tem um poucochinho de mau caracter e sobretudo, não é nada diplomatico nem se sabe «curvar» mau para que quere subir, a independencia de caracter custa a te-la quando não acompanhada de uma fortuna que o torne independente. Tambem é um bocado ambicioso e desconfiado e para não ser tudo mau o que eu digo, juntásse ao principio que é muito dedicado aos seus e adora a verdade.

28 DE JULHO.—Caracter impulsivo, inteligencia assimilavel, generosidade bem entendida, rajadas pessimistas que param rapidamente, activo, pratico e trabalhador, nervoso, espirito um tanto ironico. dignidade de si proprio, ideias independentes, veracidade.

MARCO DE SANTELMO. Boa e cultivada inteligencia, muitos nervos e mal dominados, orgulho e dignidade, boa memoria, energia moral, esperteza e queda para advocacia, ideias independentes, ordem nas ideias e desordem nos objetos, temperamento subtil e intuitivo, amor aos livros.

ASELHA.—Inteligencia pouco cultivada mas assimilavel, vaidade, creancice, generosidade boa memoria, desordem, amiga de fazer favores, caprichosa e com nervos mal dominados, amor ás bonecas e aos romances bonitos, fraca força de vontade.

L. F. M.—Imaginação, caracter impulsivo, ambicioso,muito facil de se apaixonar, muito nervoso e muito sensual,generosidade, rajadas de indolencia, vaidades pueris, boa memoria, pouco mudavel nas suas opiniões, gosta de ler e é um pouco fantasista.

GASPAR.—Inteligencia, espirito, caracter pratico, um tanto filosofo e com rajadas de pessimismo que o seu caracter pratico e pensador vence, nenhuma vaidade, amor aos livros e ao conforto, generosidade bem entendida, trabalhador, ideias independentes.

JOSÉ TILDES GUIMARÃES.—Temperamento impulsivo e dedicado, um tanto egoista e ciumento, sentimento de poesia e amante do fado, amor aos livros, leal com os amigos, trabalhador, nervos fortes e bem dominados, desordem de ideias, generosidade, má memoria.

FUMADOR.—Inteligencia assimilavel, caracter um tanto diplomata, boa memoria, para detalhes, força de vontade, ordem, boa administração, actividade, ideias claras e previdentes, amante da literatura mas pouco fantaseador, generosidade bem entendida.

O RIO.—Inteligencia não muito cultivada, mas curiosa de saber, bom gosto, pessimismos, nervoso, força de vontade impaciente; boa memoria, pouco mudavel nas suas ideias e opiniões, ordem, bom para os seus amigos e terrivel como inimigo.

ZECA,—Impulsivo, inteligente, apaixonado, generoso e um tanto despreocupado, uma pontinha de vaidade que lhe não fica mal, amante da literatura, um poucochinho mentiroso, trato afavel, valente e leal, idealismos.

J... Caracter inergico e voluntarioso, inteligente mas com tanto orgulho que a torna um tanto antipatica, bom gosto estetico, habilidade manual, ideias elevadas, generosidade impulsiva, mundanismo, amor à verdade (ora aqui está uma qualidade que poucas mulheres possuem) má memoria e amor aos livros.

NICANOR.—Inteligencia finamente perceptiva, caracter diplomata, nervos bem dominados, generosidade bem entendida, originalidade de ideias actividade, juizo critico e justo, boa administração, bom gosto e sensualidade cerebral.

BRAZUCA.—Força de vontade persistente, memoria explendida, caracter diplomata, ordem, aceio, generosidade... só quando convem, se mostra generoso, reserva absoluta, nervos muito bem domados á vontade do dono, inteligencia assimilavel, detalhista, sensualidade.

ZÉ PACOVIO.—«A Dama Errante»—infelizmente para ela—não adivinha mas apenas deduz e... salvo o erro.

Do senhor deduso que é um tanto estouvanado, mas bom rapaz, gosta de mentir sem consequencias e muitas vezes não sabe porque mente, generoso, impulsivo, trabalhador falando mal do trabalho constantemente, mais esperto do que inteligente, amante dos livros que não sejam muito tristes e se leiam depressa, com boa memoria e melhor coração, irrita-se prontamente mas dali a um bocado dá, não a metade da capa como São Martinho, mas a capa inteira se a pedirem.

ACAMOSCA.—Se ainda não foi para o estrangeiro ou se já voltou o que é provavel, leia. Nervoso em extremo, inteligente, irascivel, com pessimismos e desconfianças de tudo e de todos, humanitario, jà foi idealista e é ainda a imaginação, que por vezes o faz pensar em idealismos, boa memoria, nenhuma vaidade, amor á musica.

CINCO.—Boa e cultivada inteligencia, espirito subtil e um tanto ironico, amor á estetica, boa memoria, ambição, energia moral, sensualidade, pouca vaidade e muito orgulho, amor ao conforto, generosidade bem entendida.

UMA MARIA SEM MANEL.—Caracter apaixonado, um tanto egoista e ciumento, espirito religioso, vivacidade, teimosias pueris, generosidades intermitentes, inteligencia intuitiva, imaginação, pouca reserva, tendencias para mentir, nervos, fraca força de vontade.

COVINHAS.—Pontos de contacto com «Uma Maria sem Manel» mas com um juizo mais calmo e reflexivo, boa memoria e um pouco mais pratica... e mais egoista.

ALMONETE.—Não serve papel pautado.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos, Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*.

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Actualidades gráficas

MONUMENTO A ANTERO DO QUENTAL

Admiravel busto do grande poeta, obra de Diogo de Macedo, que será colocado no Jardim da Estrela, por iniciativa dos seus admiradores, e com a coadjuvação do grande jornal insular O Diario dos Açores.

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Uma admiravel escultura do moço artista Sr. José da Costa e que obteve grande exito na brilhante exposição oficial de Belas Artes.

COMO AS MULHERES DE ESPAÑA RECEBERAM OS AVIADORES

Admiravel grupo de Sevilhanas deitando flôres sobre os herois da 2.ª travessia do Atlantico

FELICIANO SANTOS

O nosso querido camarada de trabalho e brilhantissimo jornalista—uma das maiores afirmações de cronista moderno—que acaba de ser convidado a secretariar «A Tarde», scintilante vespertino de Lisbôa.

UM HOMEM QUE FOI NESTE BARCO, DE ROMA A NEW-YORK

O tenente Smythe que realisou a travessia indicada, no seu barco, ocupando sempre essa fragil embarcação do seu invento.

CACILDA ORTIGÃO

A notavel cantora que fará um concerto em S. Carlos, o qual é esperado com grande ansiedade pelo publico, onde esta artista conta imensos admiradores.

Publicidade

O transporte rapido e economico

deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 — LISBOA

Joalharia do Carmo

JOIAS E PRATAS ARTISTICAS
PRESENTES
PARA
ANIVERSARIOS E CASAMENTOS

SEDE NO PORTO

RUA 31 DE JANEIRO, 53

Tele { gramas: AUREARTE (fone: 1160

FILIAL EM LISBOA

RUA DO CARMO, 87-B

Tele { gramas: AUREARTE (fone: N. 1360

Calçado «ELITE»

QUALIDADE SUPERIOR
COMODIDADE INEGUALÁVEL
DURABILIDADE INEXCEDÍVEL
ELEGANCIA SUPREMA
ACABAMENTO
ESMERADO

São os requisitos que o tornam recomendável e pelos quais tem conquistado a preferência do público.

VENDE-SE
NAS
PRINCIPAIS SAPATARIAS
DE LISBOA

ERIKA

Recomendada pelas suas qualidades de leveza e resistencia.

OLIVER, L.DA

R. DA PRATA, 250-2.º — Telef. N. 3158

Banco Nacional Ultramarino

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLÓNIAS

SÉDE — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000,000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco. Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.
INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA: — Macau.
TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES DO ESTRANGEIRO

Telefone 1094 N.

FUNERAES

SIMPLES E LUXUOSOS

SERVIÇO PERMANENTE

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

131, RUA DOS ANJOS, 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

Telefone 1094 N.

A FOTOGRAFIA BRAZIL

: EXPÕE PRESENTEMENTE OS :
MAIS ARTISTICOS TRABALHOS
DE FOTOGRAFIA D'ARTE QUE
: SE EXECUTAM EM LISBOA :

R. da Escola Politecnica, 141

LOPES & CABRAL

Casa especialisada em artigos de mercearia

Produtos nacionais e estrangeiros.
Tudo de primeira qualidade.
Preços de actualidade.

177, AVENIDA DA LIBERDADE, 181
LISBOA
TELEFONE 142 N.

Por 7$500

Pode rir durante duas horas lendo o livro de contos comicos
O CEGO DA BOA-VISTA de

O melhor vinho de meza é o

COLARES BURJACAS

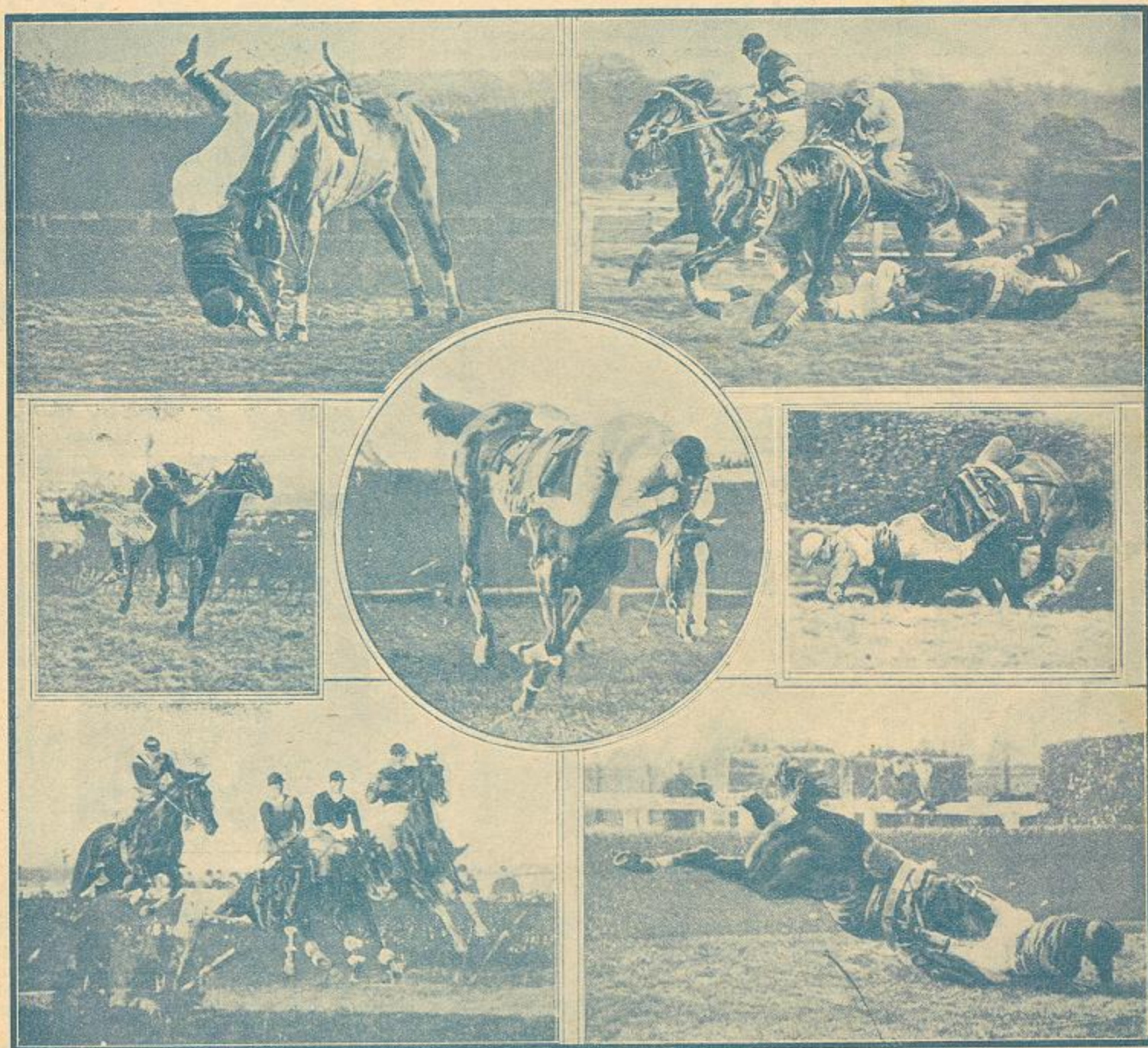
A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

AS CORRIDAS DE CAVALOS DO JOCKEY-CLUB

Um grande espectaculo de emoção!

Damos algumas gravuras representando incidentes aparatosos passados nas ultimas corridas de Londres, cujos preços das apostas atingiram quantias fabulosas. As nossas corridas de cavalos que hoje se inauguram constituem uma grande parada de elegancia e mundanismo.

LEIA DENTRO: A NOVELA O TAXI DA MORTE
PELO REPORTER MISTERIO